

OBRAS DE JORGE DE SENA

O INDESEJADO

(TEATRO)



edições 70

© Mécia de Sena

Edições 70, Lda., 1985

Capa de Victor Mesquita

EDIÇÕES 70, Lda., Av. Duque de Ávila, 69 r/c Esq. — 1000 LISBOA

Telef. 578365/556898/572001

Telegramas SETENTA

Telex: 64489 TEXTOS P

Delegação do Norte: Rua da Fábrica, 38-2.º, sala 25 — 4000 PORTO

Telef. 382267

Distribuidor no Brasil: LIVRARIA MARTINS FONTES

Rua Conselheiro Ramalho, 330/340 — São Paulo

Esta obra está protegida pela Lei. Não pode ser reproduzida, no todo ou em parte, qualquer que seja o modo utilizado, incluindo fotocópia e xerocópia, sem prévia autorização do Editor. Qualquer transgressão à Lei dos Direitos de Autor, será passível de procedimento judicial.

JORGE DE SENA



O INDESEJADO (ANTÓNIO, REI)



edições 70

DRAMATIS PERSONAE

D. ANTÓNIO, prior do Crato (1, 2, 3, 4).
DIOGO BOTELHO, conselheiro de D. António (1, 2, 3, 4).
CIPRIANO DE FIGUEIREDO, corregedor da Ilha Terceira (2, 3, 4).
FREI AGOSTINHO, da Ordem dos Eremitas (2, 3, 4).
DUARTE DE CASTRO (1, 2).
ANTÓNIO BARACHO, fidalgo do conselho de D. António (1, 2).
MANUEL DA SILVA COUTINHO, conde de Torres Vedras (1, 2).
D. FRANCISCO DE PORTUGAL, conde de Vimioso (1).
DONA FILIPA DE PORTUGAL, irmã do anterior (1).
D. JOÃO DE PORTUGAL, bispo da Guarda, tio dos dois anteriores (1).
FÉBO MONIZ (1).
DONA VIOLANTE DO CANTO (2).
BERNARDO DE TÁVORA, capitão de galeras (2).
DOMINGOS UZNEL, juiz de Angra (2).
D. MANUEL, filho de D. António (3).
D. CRISTÓVÃO, filho de D. António (4).
LADY HARRIET, duquesa de Nethersham (3).
Mensageiro da Rainha Isabel de Inglaterra (3).
1.º Médico francês (4).
2.º Médico francês (4).

CORO — invisível — (1, 2, 4).

Fidalgos, populares, guardas, criados, etc.

1580 — 1582 — 1589 — 1595

NOTA — Os números entre parênteses são os dos actos em que as personagens figuram.

1.º ACTO

Em Lisboa, no mês de Agosto de 1580. Princípio da tarde. Dia de sol. Salão no Paço da Ribeira, com janelões sobre o rio. Duas grandes portas manuelinas, à esquerda uma, à direita a outra. Sinos ouvem-se tocando a rebate. Mobiliário riquíssimo, com o desalinho próprio do momento revolto. Ao levantar o pano, vários fidalgos estão sentados a uma mesa, entre eles: D. Francisco de Portugal, conde de Vimioso; Duarte de Castro; Manuel da Silva Coutinho; António Baracho. Bebem e cantam:

— Viva el-rei D. Henrique,
no inferno muitos anos,
que deixou em testamento
Portugal aos castelhanos!

(Terminam com grandes risadas, que se esvaem à entrada de D. António e do bispo da Guarda, pela P. D. Todos se levantam)

D. ANTÓNIO

— Senhor's, desembarcou o duque de Alba,
e vem sobre Lisboa. O povo mata
quantos traidores ainda não fugiram.
Deixai meu tio sossegar no Inferno.

BISPO (*tocando-lhe no braço*)

— É longa a morte, e os últimos instantes podem, senhor, falar com voz celeste.

CONDE DE VIMIOSO (*adiantando-se*)

— Senhor, Lisboa resistiu a um rei,
por outro, que aclamara. Protegeu-a
tão claramente o Espírito divino:
daí se foi a Aljubarrota;
de Aljubarrota a Ceuta, ao Tormentório,
ao mar imenso, à Índia, ao Grão-Cathay...

D. ANTÓNIO (*com um gesto*)

— Foi por Alcácer o regresso. Eu vi.
(*pausa*)

CONDE

— Também eu, meu senhor.

D. ANTÓNIO

— Eu vi melhor.

Não se defendem hoje essas conquistas.
De meus avós, não sei que me deixassem
mais do que um reino a defender convosco.

BISPO

— E Deus que nos ajude. Confiai,
que os homens, meu senhor, os homens morrem,
ou dão-se por vencidos (*p.c.*). Mais que um reino...

CONDE (*interrompendo*)

— Não foi um reino, ah não! não foi um reino.
Se vos seguimos, e por rei vos temos,
a Portugal buscamos, que se perde,

ora vendido o que não foi sangrado.
Não nos importa a nós quem vos trair:
a vós vos doa essa traição dos outros;
a mim, dói-me esta terra, dói-me o mundo...

D. ANTÓNIO

— São dor's de parto desse Quinto Império,
que vos não trago. Eu trago-vos os factos,
o desembarque e a decisão suprema,
pedida ao céu nestes rebates. Fossem
eles festivos, e eu vos sorriria;
mas vós, de coração cheio de esp'rança,
ouvis só festa onde só há desordem.

CONDE

— A vós pedis bem mais do que é possível.
Fechai os olhos: se convosco estamos!
Guiai-nos cegamente. São por nós
as cortes dessa Europa. É por nós Deus,
na pessoa de um bispo a abençoar-vos.
Bastar-vos-á ouvir gritar o povo,
e sabereis se a espada vos não serve...
Cegai, senhor, que nós cegos iremos
ao encontro da morte ou da vitória!
E quando, já cansados, reolharmos,
veremos, pois, que Pátria nos espera,
se a que, por vós, sozinhos defendemos,
se a outra, a que o Deus vivo nos of'rece
a nós, e mesmo aos nossos inimigos.
Senhor, sois vós o nosso rei legítimo!
A ordem do Hospital é menos que a
de Avis?!... Arraial, arraial, por D. António,
o rei de Portugal!!

TODOS (*menos o bispo, que se curva*)

— Arraial! Arraial!

D. ANTÓNIO (*contendo as aclamações*)

— E vós o condestável, Preparai
tudo o que possa preparar-se... O povo,
este bom povo de Lisboa, espera
um milagre de nós. E que ele se faça!
Fazei-o, meus senhor's, em vós confio.

(*despede-os com um gesto; saem todos pela D.*)

D. ANTÓNIO (*ao bispo que segurou*)

— Ora ficai. (*pausa*) Que disse minha mãe?

BISPO

— Que era um pecado ver-vos e falar-vos.
E que é um pecado pretender à c'roa
só pela perdição de uma mulher,
que essa mulher é ela, vossa mãe.

D. ANTÓNIO

— E mais?

BISPO

— E mais... Ela vos manda a bênção.

D. ANTÓNIO (*após uma pausa*)

— Dizei... Está muito velha, minha mãe?

BISPO

— As mães não envelhecem, meu senhor;
só a mulher que há nelas envelhece.

D. ANTÓNIO (*após pausa*)

— Sois meu amigo?

BISPO

— Não.

D. ANTÓNIO

— Como não sois?

BISPO (*com certa malícia*)

— Ainda há pouco o condestável disse,
sem o saber, que vós não éreis rei.

D. ANTÓNIO

— O quê? Mentis. Ou não vos compreendo.

BISPO

— O rei morto em Alcácer foi demais:
um rei deve ser rei, mesmo em combate,
e nunca um cavaleiro como os outros.

D. ANTÓNIO (*meditativo*)

— Vi-o passar. Falei-lhe. Não me ouviu.

BISPO

— Tombou a c'roa a vossos pés. Pergunto
se a não trouxestes, e se a usais agora,
se posso distingui-la, neste instante,
ou se a levaram já para as Espanhas,
porque não tendes confiança em vós. (*pausa*)

D. ANTÓNIO

— Sois meu amigo, vejo, como homem.
Negar tanta amizade... só assim.
E eu sou um homem. Que sou mais que um homem?

Que uma ambição lutando contra tudo,
(só este verso com ironia)
aliada à granda esp'rança, que é de alguns?
Estou vivo e apareço. Mas esp'rança,
a maior, a mais pura, a mais preciosa
ofrece-a o povo ao rei que se acovarda
e se esconde na morte ou não sei onde...

BISPO

— Esse morreu. E dar um nome à esp'rança,
o povo dá-o sempre. Se tivéssemos
com que comprar a todas as memórias,
todos se lembrariam só de nós.
Perdão, senhor, de vós, do vosso nome.

D. ANTÓNIO

— Qual? O que minha mãe não me concede?
E tantos me contestam?

BISPO

— Esse ou outro.
Ninguém senão a Igreja nos baptiza.
O resto: alcunhas, quando não são títulos.

D. ANTÓNIO

— Alcnhas... «Pelicana»... «Pandeireta»...

BISPO

— Nomes de vossa mãe... Deixai que falem!
Judeu, bastardo — tudo vos chamaram.
Ambos sabemos isso, meu senhor.
Mas sabe-o Deus, que a vós deu nascimento
por esta salvação de todos nós,
se é que Deus quer que se salve agora
um povo tão perdido a engrandecê-Lo!
(pausa)

D. ANTÓNIO

— Amen. Rezai por mim. 'staremos juntos
pedindo ao Céu a protecção divina.

*(Sai o bispo pela P. E.; ouve-se o Coro vozear
em surdina durante o solilóquio de D. António).*

D. ANTÓNIO *(só)*

— Por esta salvação de todos nós...
Que salvação é essa? Num naufrágio,
salva-se a tábua a que se agarram náufragos?
Flutua longamente... porque é tábua.
E sou tão frágil eu, nesta aventura,
que só por ambição ainda flutuo... *(p. c.)*.
Esta c'roa, este império... Pobre império
a desmembrar-se em tantos mar's longínquos!...
Mas é minha esta c'roa! Se a pretendo,
pretendo o meu direito, e, em torno a mim,
junta-se um povo a desejar-me rei,
quando, afinal, deseja reinar mais *(p. c.)*.
E ambicioso, eu, que nem o vejo,
nem vejo o meu direito! Faço bem? *(p. c.)*.
E pedem-me que os guie cegamente!...
É meu dever segui-los. E o direito
impõe-lhes que me sigam. *(p. c.)* Aventura!
Aventura! Correr por toda a parte...
(senta-se)

CORO *(que vozeou em crescendo até...)*

— Aventura maior é não correr o mundo,
nem arriscá-lo à beira desse abismo
dos dias e das horas!...
Aventura maior é não cumprir o Fado,
mesmo que o Fado, em si, lugar não tenha
para julgar dos feitos!
Viver é só...

D. ANTÓNIO (*erguendo-se, o que interrompe o Coro, que ele não ouvia*)

— Até neste heroísmo,
até nesta aventura há cobardia!

A bem ou mal, não conta. Só justiça,
justiça é que eu exijo de mim próprio,
é que eu exijo ao povo e exijo a Deus!

(*pausa*)

Sim, cobardia! Quando, ao povo e a Deus,
direito assiste, pleno, a uma injustiça
mais plena ainda! Assim se faz o mundo.

Assim é que o fez Deus... me fez a mim (*p. c.*).

E como é bela a vida sem remorsos!

Que eu não possuo, que eu só sei que existem,
para os sentirem quantos me condenam,
por vil traição, ou, mesmo, por bondade.

(*ri*)

Não posso rir-me. Não. Nem mesmo devo,
que aos meus amigos...

(*abre a P. D., dizendo:*)

Já chegou por certo...

(*fala para fora*)

'stáveis aí? Entrai, Diogo Botelho!

(*entra Diogo Botelho*)

Já tínheis vindo, e não dizíeis nada?

DIOGO BOTELHO

— Ereis sozinho, e agora a solidão
nos acompanha, em vesp'ras de batalha,
muito melhor, senhor, que as más notícias.

D. ANTÓNIO

— Julgais?

DIOGO BOTELHO

— Assim o penso.

D. ANTÓNIO

— É uma certeza? —
Sabeis vós isso bem por exp'riência?

DIOGO BOTELHO

— Nem tudo, meu senhor, quanto se sofre
é exp'rimentada vida.

D. ANTÓNIO

— Razão tendes.

DIOGO BOTELHO

— Não é razão, senhor, mas amizade.
(pausa)

D. ANTÓNIO

— As más notícias, que notícias são?

DIOGO BOTELHO

— O duque se aproxima, Desbarata
os pobres bandos que lhe dão combate.
Assim vos abandonem ou vos sigam,
traz para todos ou perdão ou força.

D. ANTÓNIO (ansioso)

— Cascais?

DIOGO BOTELHO

— Caiu. D. Diogo de Meneses
foi logo justificado (p. c.).

D. ANTÓNIO

— É a nossa vez.

DIOGO BOTELHO (*firme*)

— Resta-nos, pois, a última defesa,
mas a vitória sempre está no fim,
e o fim...

D. ANTÓNIO (*interrompendo*)

— Já vem chegando, meu amigo.

DIOGO BOTELHO

— Não vem, senhor. Que para vós começa,
a menos que percais agora a vida.
Mas, mesmo a essa, a não podeis perder,
se o fim, daqui por diante, é mais oculto.

D. ANTÓNIO (*sorrindo*)

— Oculto, não serei.

DIOGO BOTELHO

— Oculto é tudo
o que tiver de ser recomeçado.
(*pausa*)

D. ANTÓNIO

— E pois que a porto nosso já não chegam
as naus das Índias...

DIOGO BOTELHO

— Meu senhor, quem sabe?

D. ANTÓNIO

...As gemas de valor, que andam comigo,
nos darão vida e armas e soldados,
para voltarmos logo que pudermos.

DIOGO BOTELHO

— Voltarmos, sim; que, meu senhor, regresso
o não permite a morte.

D. ANTÓNIO

— Outra ainda mais
prender-nos pode bem, que não a morte.

DIOGO BOTELHO

— E qual?

D. ANTÓNIO

— A honra.

DIOGO BOTELHO

— Eu sei, senhor, que a tendes.
Mas ela vos não prenda, que é tão falsa,
capaz de desonrar quem se dê todo
à vã loucura de lhe pertencer.

D. ANTÓNIO

— Temeis-me honrado, como se o não fôra.

DIOGO BOTELHO

— Senhor! Por Deus! Não duvideis de mim.
(*pausa*)

Apenas pode um desgraçado príncipe,
dos homens e da sorte perseguido,
longe da terra a que se destinou,
exilado vivendo às mãos de todos,
sacrificar à honra o bem do povo,
a quem se deve, mesmo quando o povo
mais o despreze ou esqueça. E vós sabeis...

D. ANTÓNIO (*interrompendo*)

— Eu quero libertá-lo...

DIOGO BOTELHO

— E não mandá-lo. (*p. c*)

Lembra-vos, meu senhor, que a liberdade
não é de dar, mas de impedir que fuja
perante o louco amor com que a procurem.

D. ANTÓNIO

— Ah meu amigo! Como ainda é tão cedol...

DIOGO BOTELHO

— E para quê?

DUARTE DE CASTRO (*assomando à Porta Direita*)

— Há pouco... Ah, não estais só?

DIOGO BOTELHO

— Sabíeis que eu cá estava.

DUARTE DE CASTRO (*logo irónico*)

— Sim? Sabia?

D. ANTÓNIO

— Entrai, Duarte de Castro; que me qu'reis?

DUARTE DE CASTRO (*olhando Diogo Botelho*)

— Eu não...

D. ANTÓNIO

— Falai.

DIOGO BOTELHO

— Eu saio, meu senhor.

D. ANTÓNIO (*segurando Diogo Botelho*)

— Não há segredo algum na minha corte;

(*a Duarte de Castro*)

ninguém, diante de mim, os deve ter.

DUARTE DE CASTRO

— Vinha dizer-vos, meu senhor, que el-rei...

DIOGO BOTELHO (*interrompendo*)

— Qual deles?

DUARTE DE CASTRO

— Qual?! Eu sou fiel a el-rei.

DIOGO BOTELHO

— A qual?

DUARTE DE CASTRO (*levando a mão à espada*)

— Não soffro tais insultos. Vós,

se não me conheceis, el-rei conhece.

D. ANTÓNIO (*intervindo asperamente*)

— Conheço, e muito bem, quanto vos devo.

El' não vos insultou. Também não sei

de quem vínheis falar-me... (*a D. B.*) E vós sabeis?

DIOGO BOTELHO

— Suponho, meu senhor. Quem ressuscita,

para escapar-se, um rei que já morrera...

DUARTE DE CASTRO (*crescendo para ele*)

— Arzila! Arzila sempre!... E a muita inveja...

DIOGO BOTELHO

— Invejo-vos o quê?

DUARTE DE CASTRO

— Se a vossa espada,
que só na língua tendes... (*desembainha a espada*).

DIOGO BOTELHO (*desembainhando também a sua*)

— Ei-la aqui.

D. ANTÓNIO (*desembainhando a espada, e pondo-a de permeio*)

— Guardai vossas espadas.

DIOGO BOTELHO (*embainhando a espada*)

— Meu senhor!...

D. ANTÓNIO (*com amargura irónica, a D. C.*)

— Arzila?... Estais bem certo? Fostes vós?

DUARTE DE CASTRO (*triunfante, embainhando a espada*)

— Eu, meu senhor? Não fui.

D. ANTÓNIO

— Então quem foi?

DIOGO BOTELHO

— Sabem-no Deus e aquel's que mentem quando. .

DUARTE DE CASTRO (*a D. A.*)

— Só a amizade mente, meu senhor.

CRIADO (*assomando à porta esquerda*)

— Chegou, Alteza, e pede para ver-vos
Dona F'lipa de Portugal.

D. ANTÓNIO (*acenando afirmativamente ao Criado, que sai*)

— Senhores...

Deixai-me por momentos. Consid'rai:
unidos me sois vós mais preciosos
do que apartados por me serdes fiéis.
Já sobram as desordens...

(*Inclinam-se ambos e saem pela D.. Pausa*)

(*A D. Filipa, que entra*). Que me qu'rieis?

D. FILIPA

— Convosco praticar. Se tendes tempo
e se o podeis gastar com uma mulher.

D. ANTÓNIO

— É todo ele meu, para mulher tão jovem.

D. FILIPA

— Será. Com el' nos enganemos ambos,
permita Deus.

D. ANTÓNIO

— Permitirá, 'stou certo,
pois que até mim vos trouxe e vos guiou.

(*pausa*)

Falou-vos vosso irmão, o condestável?

D. FILIPA

— Falou.

DIOGO BOTELHO

— Senhor, que sabem eles de sinais?

Que sabe a ciência de sinais profundos
no coração gravados?... E eu?...

*(Pausa curta, durante a qual se chega ainda mais, como
para falar em segredo)*

Senhor,

não tendes coração.

*(Ouve-se muito distintamente, o coro a completar, ecoando,
a restante medida do verso)*

CAI O PANO

Lisboa, Dez.º de 1944 — Dez.º de 1945